

O ensino de Filosofia e o ato de filosofar

Prof. M.e Danilo Pimenta

Prof. Dr. Alessandro Pimenta

Resumo: Com a fundação da Universidade de São Paulo, iniciou-se, no Brasil, uma prática de leitura de textos filosóficos, já existente na França, chamada de estruturalismo. O método estrutural tornou-se a referência na abordagem filosófica no Brasil. Suas consequências foram uma crescente profissionalização do ensino de Filosofia, bem como a limitação no que se refere à formação filosófica crítica. Este artigo analisa a inserção do método estrutural na prática docente de ensino de Filosofia e suas consequências. Apresenta, ainda, o início do filosofar não como uma visão de texto, como tradicionalmente é trabalhado nas universidades, mas uma visão de mundo.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia, Método, Crítica, USP e ato de filosofar.

1 . Reflexões preliminares

O título parece, em princípio, contraditório, mas, na verdade, é provocativo. Ensinar Filosofia é, em geral, visto como ensinar história da Filosofia. Segundo este entendimento, dever-se-ia fornecer aos alunos conhecimentos técnicos e informações relevantes sobre temas e pensadores consagrados na história do pensamento ocidental. Nesse sentido, haveria uma cisão intransponível entre ensinar Filosofia e ensinar a filosofar. Na verdade, ensinar Filosofia, limitada à história da Filosofia, seria a forma privilegiada de tal atividade e esta mesma impossibilitaria o ato de filosofar. Assim, existiria uma disjunção necessária entre ensino de Filosofia e ato de filosofar.

A pergunta que incomoda tange à origem dessa perspectiva em terras brasileiras. Respondendo a essa pergunta, estaremos aptos a responder à hipótese inicial que é a negação da cisão entre ensino de Filosofia e o ato de filosofar.

Há, certamente, possibilidades da Filosofia, hoje, ocupar mais espaços, seja via universidade com o crescimento dos programas *stricto sensu*, crescimento de cursos de graduação em virtude da exigência legal da disciplina no ensino médio mediante a Lei 11.684, de 2 junho de 2008 , ou fora da universidade, como Cafés, Cursos Livres etc. Há um otimismo moderado, pois isso pode ser entendido como simples atividades de erudição vazia e não ser Filosofia (sem entrar na questão conceitual do que é Filosofia). Claro que mais que ocupar espaços, a Filosofia deve observar como se dá esta ocupação. O otimismo aqui referido indica que, cada vez mais, Filósofos/Professores de Filosofia se dedicam a essa questão (Ensino de Filosofia). Isso é percebido pelo número de livros e artigos publicados nos últimos anos sobre esse assunto, a criação do *GT Filosofar e ensinar a Filosofar* ligado à Anpof e o aumento das discussões em torno do ensino de Filosofia em simpósios e colóquios nacionais. A pesquisa sobre o ensino de Filosofia tem deixado de ser algo secundário nos departamentos de Filosofia. Há, ainda, que consolidar linhas de pesquisa sobre o ensino de Filosofia na Pós-Graduação *Stricto-Sensu*. Não se pode negar que houve um avanço nos últimos anos, mas, igualmente, não se pode esquecer a origem e história de tal disciplina no Brasil.

Diante desse otimismo realista, em virtude da nova entronização da Filosofia no ensino médio, são postas algumas questões pertinentes. Entre as várias que podem ser abordadas, uma, aqui, merecerá atenção especial. Trata-se da investigação sobre o método de M. Gueroult. Ora, esta questão não é secundária, pois a influência desta maneira de estudar e ensinar Filosofia foi, durante algumas décadas, quase hegemônica, para não dizer em sua totalidade. Se a influência de Gueroult foi determinante na formação de várias gerações de professores de Filosofia, é necessário perceber o que constitui tal metodologia, perceber as razões pelas quais ela se tornou padrão e quais as fragilidades de uma aceitação radical da proposta de Gueroult. Este é o cerne da questão, pois os professores já licenciados, conscientes ou não, receberam, inevitavelmente, uma formação estruturalista, salvo certas exceções.

Uma primeira experiência educacional no que tange ao ensino de Filosofia dá-se com os jesuítas. O método empregado foi o *ratio studiorum*. Não se pode negar a relevância da experiência jesuíta para a compreensão da educação no Brasil, especialmente no que se refere ao ensino de Filosofia, entretanto, o que se privilegia aqui como objeto de investigação é um outro evento¹: a Filosofia uspiana.

A década de 40 do séc. XX é marcada pela consolidação da missão francesa na jovem Universidade de São Paulo, fundada em 1934. O ensino de Filosofia no Brasil será

marcado pela dependência do modelo trazido pelos professores franceses. Não é sem razão que Paulo Arantes nomeia o Departamento de Filosofia da USP de “um departamento francês de ultramar”. Há, certamente, “a implantação do modelo historiográfico francês” (MARQUES, 1999, p. 648), que tem em Gueroult seu expoente mais conhecido no Brasil. A recepção da proposta metodológica de Gueroult foi aceita com passividade (MARQUES, 1999, p. 649). Ainda, sua expansão e ratificação deveram-se ao texto que Victor Goldschmidt apresentou, em 1957, no XII Congresso de Filosofia intitulado *Temps historique et temps logique dans l'interprétation des systèmes philosophiques*, traduzindo para o português por Porchat Pereira como apêndice ao livro *A religião de Platão*.

Como passou a existir uma postura política de exclusão das idéias nacionalistas e do modo ensaísta de fazer Filosofia ora existente no Brasil, há a compreensão de que não pode existir Filosofia em detrimento de sua história (TEIXEIRA, 1964, p. 209). O estudo, então, busca a compreensão dos conceitos e da ordem interna do texto filosófico. Acrescente-se que, “diversamente do que ocorre nas ciências, a história da Filosofia é, de fato, o principal instrumento de iniciação à Filosofia e, para a Filosofia, permanente inspiração” (GUEROULT, 2000, p. 162). Assim, o exercício de reconstrução da ordem interna ou ordem das razões será o método e a finalidade da pesquisa e do ensino de Filosofia na Universidade de São Paulo. A importância desse modo de compreender a experiência docente e discente é assaz relevante, já que, ainda na década de 90 do séc. XX, o PCN (1999, p. 331), no que tange à Filosofia, é tributário do método estruturalista, porém adiciona aspectos negligenciados pela prática estruturalista no Brasil, a saber, a crítica e a reflexão, a partir dos clássicos da história da Filosofia, sobre a realidade contemporânea.

Parece que, hoje, a discussão sobre a legitimidade da história da Filosofia é uma discussão superada. A tese de Gueroult (2000, p. 159-171) mostrou, satisfatoriamente, como se pode além do *quid fact* defender seu *quid juris*. Estudar história da Filosofia deveria implicar fazer Filosofia, mas, ao contrário, na experiência brasileira, o método não se limitou à sua condição de ser o caminho como deveria sê-lo a partir de sua própria etimologia. Tornou-se a finalidade. Fazer Filosofia é dialogar com sua história: “o fundador da historiografia filosófica antiga, Aristóteles, interpreta o passado da Filosofia em função de seu sistema das causas e da passagem da potência ao ato” (GUEROULT, 2000, p. 164). Mesmo que o método das estruturas apresentado por Gueroult tenha se tornado uma finalidade em si mesma, é possível perceber, nas próprias palavras de Martial Gueroult, que a história da Filosofia tem uma função de diálogo com o presente. É nessa perspectiva que, desde Aristóteles, a historiografia das ideias o faz. Não há filósofo que tenha reconstruído

a ordem das matérias em ordem das razões. Há, como o próprio Gueroult o afirma, a interpretação do passado em função de interesses filosóficos particulares. Sob esta ótica, há uma compreensão muito particular que um pensador faz de outro. Poder-se-ia dizer que o Heráclito de Heidegger, não é o de Nietzsche como não o é o de Hegel. Por quê? Simplesmente, porque cada um destes filósofos supracitados realizou interpretações muito pessoais e apropriações de teses já estabelecidas. Se é importante e não é negada a primazia da história da Filosofia, ela o é porque auxilia de modo fundamental na sistematização das ideias de quem as analisa. Tais pensadores, mencionados a título de exemplo, foram além do historiador da Filosofia, eles filosofaram a partir da história da Filosofia. Eles vão além, pois, a partir de uma compreensão rigorosa dos pensamentos de certos filósofos, vão tecendo sua própria Filosofia. O problema que se aborda, aqui, é a sacralização de um método.

É importante pensar sobre as consequências. Primeiramente, há um aspecto positivo que não pode ser negado, nem minimizado, a saber, a profissionalização do ensino de Filosofia. O crescimento da Pós-graduação pode ser visto como um resultado muito satisfatório da aplicação do estruturalismo no ensino de Filosofia no Brasil. Todavia, diante, do que se afirmou anteriormente, a identificação entre método e finalidade, o desenvolvimento da Filosofia como pensamento autônomo que discute com a tradição ficou em segundo plano. Os professores de Filosofia se tornaram especialistas em ideias dos outros e estranhos às suas próprias. Não seria incomum um professor-especialista saber, por exemplo, detalhes sobre o último artigo de Habermas, mas não ter posicionamentos a respeito dos temas sobre os quais Habermas se debruça. Nesse âmbito, o PCN nota que os “motivos de autoritarismo para retirar a Filosofia dos currículos escolares” (PCN, 1999, p. 327) foram decisivos para sua exoneração. Ora, se uma disciplina não fosse, pelo menos hipoteticamente, perigosa, ela não teria sido abolida no período recente da história do Brasil, a saber, no período da ditadura. Mas um ensino de Filosofia estéril como o de hoje, pouco teria a dizer e refletir criticamente sobre as atrocidades cometidas, ou pouco auxiliaria na efetivação de sua natureza reflexiva caracterizada pela reconstrução e pela crítica (PCN, 1999, p. 330-331). A Filosofia seria, idealmente, por exemplo, um empecilho para uma ditadura, mas, tal como ela tem se constituído, seria mais uma disciplina ministrada de maneira técnica. Ela seria, enfim, inofensiva.

2. Alternativa ao método estrutural

Uma interrogação permanece e sua emersão já é um sinal positivo: a universidade quer formar filósofos ou historiadores da Filosofia? Sabe-se que Gueroult e Goldschmidt

trouxeram ao Brasil e, mais especificamente, à USP, o método estruturalista francês. Entretanto, Gonçalo Palácios (2004, p. 122) chama a atenção para outra questão que deve ser, necessariamente, posta. Se, por um lado, o estruturalismo, como método de ensino, foi eficaz na formação de historiadores de Filosofia, por outro lado, existiria um método sob o qual se pode formar filósofos? E, ainda, existiria uma metodologia capaz de tal empreitada? O estruturalismo parece eficaz no que tange à formação de historiadores de Filosofia, entretanto, nota Palácios (2004, p. 122), o quê fazer com aqueles estudantes que possuem outras perspectivas ou impulsos, como uma aprendizagem crítica? A universidade e, especificamente, os professores de graduação em Filosofia, colaboram para concretização destes impulsos ou para a anulação dos mesmos?

Não há, como à primeira vista se poderia pensar, uma contradição necessária entre o historiador de Filosofia e o filósofo, como se o estudante e futuro professor com pretensões outras que não a história da Filosofia, negasse a história do pensamento ocidental, pois discutir filosoficamente problemas e avaliar as teses já apresentadas pela tradição e propor outras, se for o caso, é fazer Filosofia. Por isso, a história da Filosofia não se refere a um passado estagnado é, antes, um passado presente, um passado atual ao qual é sempre possível recorrer para auxílio de questões contemporâneas, uma vez que “a história da filosofia é presença do passado, mas não como passado morto: como passado vivo” (GUEROULT, 2000, p. 168).

Como mudar uma realidade não muito propícia ao ensino desta disciplina no ensino médio? A estrutura das grades curriculares dos cursos de Filosofia é, demasiadamente, historiográfica. Palácios (2004, p. 127) propõe outra estrutura que parece aglutinar pensadores de diferentes épocas. Isto poderia ser um estudo temático tendo como referência filósofos de escolas distintas. Assim, seria possível um curso de Filosofia da Linguagem no qual se pudesse estudar, por exemplo, o *Crátilo* de Platão, o *Ensaio sobre a origem das línguas* de Rousseau, e as *Investigações filosóficas* de Wittgenstein. Deste modo, a base da elaboração e desenvolvimento do curso seriam os textos filosóficos. Isso permitiria tanto uma ênfase no pensamento contemporâneo como nos clássicos da Filosofia ocidental. Ainda, seria menos dogmático do que estudar somente um pensador ou uma obra, pois o aluno teria mais condições de, em uma mesma temática, avaliar teses diferentes e formular, com maior consistência, as suas, o que não ocorreria se o curso fosse, exclusivamente, por exemplo, sobre a compreensão de linguagem em Wittgenstein. Como um professor licenciado em Filosofia que estudou em sua graduação, por exemplo, na disciplina Filosofia da Linguagem, somente Wittgenstein ou a tradição analítica, vai discutir com seus alunos a linguagem como problema filosófico? A limitação é grande. E o quase inevitável é a

reprodução de sua formação universitária no ensino médio. O efeito seria, por um lado, a animosidade em relação à disciplina por parte dos discentes, por ser demasiadamente historiográfica e acrítica, e por outro lado, a impossibilidade da disciplina colaborar com as pulsões e interrogações críticas que caracterizam a juventude. Ora, se isso acontecer, o retorno da Filosofia ao ensino médio será assaz desastroso e, neste âmbito, a iniciativa já nasce morta.

Entende-se, finalmente, que Palácios aponta um caminho onde se possibilita certa harmonia entre história da Filosofia e pensamento crítico e emancipatório. É um caminho, não o único, pois o aprendizado da história da Filosofia não é condição *sine qua non* para o ato de filosofar. Entende-se, aqui, por ato de filosofar, o exercício de dar racionalidade e explicação a intuições fundamentais. Por isso, a Filosofia é sempre original, no sentido de que a origem de um problema, de algo que incomoda, é sempre pessoal, mas, quando há a busca de justificar ou de tornar compreensível essa intuição fundamental, acontece a passagem para o universal, ou a tentativa de universalização. O ensino de Filosofia deve ser, portanto, emancipatório; deve ser um diálogo com obras, pensadores e problemas. Este diálogo é, em um primeiro momento, escuta, posteriormente compreensão e, finalmente, posicionamento e confronto de ideias. Assim, o ensino de Filosofia não será uma atividade estéril, será um exercício de confronto de ideias, busca de resolução de problemas, enfim, emancipatório, pois o mais importante não é o que se faz com a Filosofia, mas o que ela faz com o sujeito que dela se aproxima e por ela é tocado.

3. Do início do filosofar

Há três tipos de pessoas que se interrogam sobre o que as cerca. São eles os cientistas, os religiosos e os filósofos. Essas pessoas avaliam o mundo e possuem respostas diversas sobre o mesmo assunto. O cientista busca uma explicação naturalista para o fenômeno pesquisado, recusa de todo mistério, ao contrário do religioso. O religioso possui uma verdade revelada e, nela, o erro está fora de questão. Para o cientista o erro não está fora de questão, se ele se enganar sobre algum fato, simplesmente, poderá nos dizer: “me enganei, mas hoje, devido ao avanço tecnológico, pude perceber e corrigir meu erro”. Entretanto, o filósofo procura explicar o mundo a partir dos fatos que o cercam, sem se esconder atrás de escudos, como Deus ou a tecnologia.

A origem do conhecimento para o religioso se encontra em Deus. Já para o cientista e para o filósofo o mundo é a totalidade dos fatos, e nele é formulado o conhecimento.

Nele construímos nossas teorias e doutrinas, nossas ciências e filosofias, produto superiores de nossa atividade pensante. Pensamentos, opiniões e crenças, teorias

e doutrinas, ciências e filosofias constituem sempre, deste ou daquele modo, pontos de vista nossos sobre o mundo que o nosso discurso exprime (PORCHAT, § 4, 1975).

Quando o homem propõe-se a filosofar, busca compreender as coisas que o cercam. Na tentativa de compreender melhor o mundo, o homem coloca suas interpretações em textos orais ou escritos. Assim, ele começa filosofar. Portanto, o desafio do filósofo é entender sua própria realidade e expor publicamente seus métodos e soluções. Para isso, cada filósofo possui um método ou uma apropriação muito particular de métodos e de conceitos já existentes, pois cada situação requer uma maneira diferente de filosofar.

Toda Filosofia é uma revolta lógica de visão de mundo, diria Camus. É uma revolta, porque é uma insatisfação, seja com o que lemos, seja com outros fatos. A Filosofia também é lógica devido ao fato de que ela exige uma discussão, uma construção de argumentos bem desenvolvidos.

O mundo é o referencial e o fundamento necessário para o filosofar. O filósofo é um ser-no-mundo e um ser-do-mundo, não um-ser-da-leitura-exegética. A partir do reconhecimento do mundo, o filósofo formula seus problemas e propõe suas soluções. Segundo Porchat, “o reconhecimento do mundo terá sido apenas o ponto de partida. Mas ele é o único ponto de partida possível para uma sã Filosofia” (1975, § 10). A visão de mundo, em si, não é Filosofia, mas é o meio pelo qual é possível o desabrochar da mesma. Apesar da obviedade do que se afirma, nesse caso, a redundância é necessária, pois quem poderia pensar que a Filosofia não é uma visão de mundo? Com toda certeza, nossos professores que insistem na exegese de textos de Filosofia. O início do filosofar não está no lido, mas no refletido. O texto cumpre sua função como meio de se fazer Filosofia quando é um caminho para a reflexão e para o diálogo de ideias e não quando se torna uma finalidade em si mesma.

A cultura atual instrumentaliza tudo e, na academia, não é diferente. Os cursos de Filosofia, salvo algumas exceções, são cursos de filosofia instrumental. Isso soa estranho, mas é uma realidade. Não seria absurdo, dentro desta instrumentalização da Filosofia, que surgisse um curso técnico de Filosofia, em alguma escola técnica, dessas que oferecem cursos técnicos de enfermagem, prótese dentária, processamento de dados etc. Quantos técnicos em filosofia nossas universidades já formaram? Técnicos que sabem muito bem compreender a estrutura interna de um texto, mas não sabem se interrogar sobre o que estão lendo, não têm uma opinião sobre o que leem. Se tiverem, não têm atitude de apresentar seu posicionamento, visto que não apresentam em público sua opinião sobre o que leem, somada à sua experiência pessoal, ou seja, somada à sua visão de mundo. No

momento em que o leitor começa a duvidar do que lê, quando desconfia, investiga e dialoga, este mero leitor torna-se filósofo.

Parece então que quem estuda não vai ter tempo, coragem e autoestima para fazer muita filosofia a não ser que se tornem profissionais – pior ainda, já não tem tempo, coragem e autoestima para fazerem muita filosofia a não ser se já se tornaram aprendizes de profissionais (BENSUSAN, 2002, p. 02).

A técnica de leitura em Filosofia induz o estudante ao silêncio filosófico. Assim, no momento em que a Filosofia é trabalhada unicamente como uma visão de texto a instituição que deveria propiciar o filosofar, faz exatamente o contrário, ou seja, propicia o divórcio entre o estudante de Filosofia e o filosofar. Se os cursos de Filosofia nada podem fazer para propiciar o surgimento de Filosofia, não podem, inversamente, impedir o surgimento de filósofos. Propiciar o filosofar é incentivar o debate de ideias. Se o mundo do estudante de Filosofia é limitado ao texto e ao modo técnico (estrutural) de analisá-lo, a consequência é distanciar o aluno do filosofar. Mas temos que nos lembrar, sempre, de que o mundo não é uma sentença para ser colocado entre parênteses².

É relevante lembrar que a academia não é a favor da Filosofia, pois ela não gosta da revolta, ela não gosta da crítica. Porém, ela gosta do adaptar, do adaptar-se a ela. A academia é o mundo da carreira e da repetição.

Estimular a Filosofia não é estimular o achismo e a proliferação de soluções irresponsáveis (pelo fato deles, os estudantes, não terem uma base sólida e historiográfica). A visão apenas historiográfica possui um grave defeito que consiste em privilegiar o conhecimento do passado não dando importância para o presente e para o futuro. Não se trata de recusa ou abandono da tradição. O passado deve ser revisitado, e constantemente, para melhor pensar a contemporaneidade.

Os mestres da não-filosofia parecem acreditar que é possível extrair o mundo de dentro de um texto. Esses professores não se importam com o filosofar. Se esta hipótese está certa, concordamos com o professor Hilan Bensusan, da Universidade de Brasília, “a Filosofia é importante demais para ser deixada nas mãos dos filósofos”. Bensusan está, com este trecho, afirmando que a Filosofia não deve ficar apenas nas mãos dos filósofos cadastrados, com carimbos de profissionais e com titulação correspondente.

Percebe-se que a política da não-filosofia e da engorda de currículo gera certo desespero e que, por sua vez, traz consigo a desonestidade intelectual³. Percebe-se que alunos que estão trilhando o caminho da Filosofia profissional precisam apresentar inúmeros trabalhos em eventos para serem candidatos mais fortes a fim de renovar sua iniciação

científica ou para serem um concorrente mais fortes a uma vaga de mestrado. Assim, os estudantes que estão nessa situação acabam apresentando várias vezes o mesmo trabalho mudando apenas o título, para possuir mais de um certificado de apresentação do mesmo trabalho, porém com outro título. Em uma seleção, seja de iniciação científica ou de mestrado, a comissão de seleção não saberá que o currículo que está em suas mãos foi construído por meio da desonestidade intelectual. Mas isso nada mais é do que fruto de uma política universitária pautada na quantidade e na mensuração técnica.

Muitos cursos de Filosofia não cumprem o que deveria ser o seu papel, isto é, transmitir informações e produzir conhecimento. Segundo Badiou, “a principal questão da Filosofia é, hoje, a de saber como ela pode proteger e salvar o desejo de Filosofia” (BADIOU, 1993, p. 14). Mas qual será o futuro da Filosofia? Ainda se podem ter esperanças? O que mudar? Como mudar? Certamente os clássicos não devem ser esquecidos, mas não devem ser lembrados em circunstâncias limitadas ao comentário. É sensato certo otimismo no que se refere ao futuro da Filosofia. Mas, para isso, uma mudança de postura é necessária, deve-se violar a Filosofia acadêmica, devem-se expor publicamente as próprias soluções a problemas filosóficos emergentes. Assim como a Filosofia brasileira, frouxa e descompromissada, do séc. XIX foi combatida, algo semelhante deve ser realizado a respeito do método estrutural, doutrinário e antifilosófico. A Filosofia é feita de rupturas. Com rupturas, a Filosofia avança. Aliás, foi das insatisfações das explicações mitológicas que surgiu a Filosofia e, nesse caminho, ela deve continuar. Começamos a filosofar quando nos sentimos capazes de avaliar, criticar e propor.

Mas, enfim, o que fazer para proteger e salvar o desejo de Filosofia? A resposta é salvar a revolta lógica, isto é, salvar as nossas insatisfações para com o dado (tudo que nos cerca, inclusive nós mesmo) e devemos salvar também o nosso poder argumentativo, pois, somente assim, seremos capazes de expor, com coerência e originalidade, a Filosofia como visão de mundo.

REFERÊNCIAS

ARANTES, P. E. **Um departamento francês de ultramar**. Estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (Uma experiência nos anos 60). São Paulo: Paz e Terra, 1994.

BADIOU, Alain. **Para uma nova teoria do sujeito**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

BESUSAN, Hilan. **Meus aspectos favoritos do ensino de Filosofia** (São políticos? São educacionais? Ou são apenas filosóficos?). Goiânia: Mimeo, s/d.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 1999.

DOMINGUES, I. (Org.); MARI, Hugo (Org.); PINTO, Júlio Machado (Org.). **Estruturalismo: memória e repercussões**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.

GOLDSCHMIDT, V. **Histoire et structure: ouvrage collectif à la mémoire de V. Goldschmidt**. Paris: Vrin, 1985.

_____. **A Religião de Platão**. Trad. de Ieda e Oswaldo Porchat. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

_____. Remarques sur la méthode structurale en histoire de la philosophie. **Manuscrito**, v. 2. Campinas: Ed. Unicamp, 1982.

_____. Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos. In: **A Religião de Platão**. Trad. de Ieda e Oswaldo Porchat. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

GUEROULT, M. O problema da legitimidade da história da filosofia. **Reflexão**, n. 78. Campinas, Puc-Campinas, 2000.

_____. Lógica, arquetônica e estruturas constitutivas dos sistemas filosóficos. **Trans/Form/Ação**, vol.30, no.1. Marília: Unesp, 2007.

_____. **La méthode en histoire de la philosophie**. Conferência pronunciada na Faculdade de Filosofia da Universidade de Ottawa em 19 de outubro de 1970. Ottawa, 1970.

_____. **Histoire de la histoire de la philosophie**. Paris: Aubier Montaigne, 1992.

LEOPOLDO E SILVA, F. Currículo e formação: o ensino de filosofia. **Síntese**, vol. 20, n° 63. Belo Horizonte: CES, 1993.

_____. Por que filosofia no segundo grau. **Estudos avançados**. São Paulo: Usp, n. 14, 1992.

MARQUES, U. Victor Cousin e Théodore Jouffroy: psicologia e história da filosofia. **Philosophica**, n. 28. Lisboa: UL, 2006.

_____. Notte sulla storiografia filosofica in Brasile. **Rivista di storia della filosofia**, n. 4, Milão, 1999.

_____. Notas sobre a história e a historiografia da filosofia entre nós. **Revista Ideação**, v. 8, Feira de Santana, UEFS, v. 8, p. 35-66, 2001.

_____. **Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 13-24, 2011

PALÁCIOS, G. **Alheio olhar**. Goiânia: UFG, 2004.

_____. **De como fazer filosofia sem ser grego, estar morto ou ser gênio**. Goiânia: UFG, 1997.

PORCHAT PEREIRA, O. et al. **A filosofia e a visão comum do mundo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. A filosofia e a visão de mundo?. In: **Manuscrito III**, I. Campinas: Ed. da Unicamp, 1975.

TEIXEIRA, L. Quelques considérations sur la philosophie et l'étude de l'histoire de la philosophie au Brésil. In: **Études sur l'histoire de la philosophie en hommage a Martial Guéroult**. Paris: Fischbacher, 1964.

_____. Discurso do professor Lívio Teixeira, paraninfo da turma de 1948, In: “**Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras** (Universidade de São Paulo). – 1939-1949”, volume I, Seção de Publicações, 1953, p. 292.

_____. Filosofia e história da filosofia. **Cadernos Espinosanos**, N. X, São Paulo: Usp, 2003.

_____. Algumas considerações sobre a filosofia e o estudo da história da filosofia no Brasil. **Cadernos Espinosanos**, N. X, São Paulo: USP, 2003.

Notas

¹ O termo evento é usado aqui segundo a perspectiva de Alain Badiou.

Événement

pode ser mais bem

traduzido como acontecimento, entendido como aquele que rompe com a situação e inicia uma nova realidade.

² Oswaldo Porchat compartilha dessa idéia em seu texto “Filosofia e visão comum do mundo”, publicado

em

Manuscrito

III

, I, Campinas, 1975.

³ Trata-se da política quantitativa introduzida nas universidades.

The teaching of Philosophy and the act of philosophizing

Abstract: With the founding of the University of São Paulo, started in Brazil, a practice of reading philosophical texts, existing in France, called structuralism. The structural method has become the reference in the philosophical approach in Brazil. Its consequences have been an increasing professionalization of teaching philosophy, as well as limitations with regard to training philosophical criticism. This article examines the inclusion of the structural method in the teaching practice of teaching philosophy and its consequences. It also presents the beginning of philosophy not as a vision of text, as traditionally worked in universities, but a world view.

Keywords: Teaching Philosophy, Methods, Criticism, USP and the act of philosophizing.

Prof. Dr. Alessandro Pimenta

Currículo - <http://lattes.cnpq.br/9134635312252299>

Endereço eletrônico: ar_pimenta@hotmail.com

Prof. M.e Danilo Pimenta

Currículo - <http://lattes.cnpq.br/8984302950093903>